

O CONTRIBUTO DAS BANDAS FILARMÓNICAS PARA A CONSTRUÇÃO/PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL: O CASO DE BAIÃO

Diogo Miguel PINTO

Departamento de Geografia, FLUP

up201304874@letras.up.pt

Célia FIGUEIRAS

Departamento de Geografia, FLUP

up201304700@letras.up.pt

Resumo

As bandas de música são em Portugal muito relevantes, pois caracterizam os espaços onde se inserem, não só a nível musical, etnográfico e cultural, mas acima de tudo como entidades fundamentais para a criação e conservação da identidade local, além de que tais grupos ampliam a coesão social e possibilitam às pessoas uma fácil entrada no meio artístico musical. Apesar de reconhecida a importância destas associações, a geografia ainda não foi capaz de fazer um estudo aprofundado desta realidade, e por isso pretende-se com este artigo iniciar a abordagem, o estudo das Bandas Filarmónicas, ainda que de uma forma sucinta. Começaremos por fazer um breve enquadramento teórico das bandas filarmónicas em Portugal, suas características e sua tendência sociocultural, e prosseguiremos com a exploração de um caso concreto, Baião, apresentando a história de cada uma das bandas implantadas neste concelho. Por fim, será retratada a sua realidade. Assim se pretende demonstrar a importância crucial que as bandas filarmónicas desempenham nos lugares onde se inserem e mostrar de que forma se tornaram elementos chave para a preservação e o desenvolvimento da identidade coletiva.

Palavras chave: Identidade local, Memória Coletiva, Cultura, Bandas Filarmónicas, Baião.

Abstract

Philharmonic Bands are very important in Portugal, because they mark the places where they are integrated not only at the musical, ethnographic and cultural level, but also because they are fundamental entities for the creation and conservation of local identity. They are also important because they create social cohesion and make it easy for people to enter the artistic environment related to music. Although geography recognizes the importance of these associations, it has not yet been able to make an in-depth study of this reality, and so it is intended with this article to start the approach to the Philharmonic Bands, albeit briefly. The present work makes a brief theoretical framework to the philharmonic bands in Portugal, then the band history of the municipality of Baião is presented and finally its reality is described. This work intends to demonstrate the crucial importance that the philharmonic bands perform in the places where they are inserted and to show in what form they became key elements in collective identity.

Keywords: Local Identity, Collective Memory, Culture, Philharmonic Bands, Baião.

1. Introdução

As filarmónicas são parte imprescindível do cenário musical, cultural e etnográfico do país. As bandas alegram as romarias, realizam concertos, cantam as “janeiras”, ou organizam outras atividades culturais, como festivais de bandas, entre muitas outras. É, pois, inquestionável o impacto das bandas filarmónicas no território onde se inserem, pelas diversas atividades que efetivamente organizam e disponibilizam à população. Recorde-se que elas são as principais escolas de música do país, além de serem o “berço” de muitos dos músicos das nossas orquestras. Estas instituições proporcionam às populações um denso leque de conhecimentos culturais e musicais, além de estimularem as relações sociais entre os seus membros. (Moreira, 2014)

Existem na Confederação Musical Portuguesa registadas cerca de 718 bandas filarmónicas¹, mas é possível detetar ainda outras dispersas pelo país. No concelho de Baião atualmente perduram duas: a Banda Marcial de Ancede e a Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere. Estas duas bandas alegram as populações de Baião, sobretudo durante o verão, percorrendo várias localidades do Norte, que as recebem de braços abertos, para enobrecerem as suas festividades.

2. Metodologia

Para a concretização deste trabalho foi realizado um pequeno inquérito a alguns membros das referidas bandas filarmónicas, com o objetivo de, junto destes, se compreender, de uma forma mais realista, as motivações que os levaram a este tipo de associação, os momentos mais marcantes no seu percurso como músicos (primeira festa, etc.), o tipo de atividades que executam na associação, a importância que a Banda desempenha para cada membro em termos pessoais; e de se entender quais os problemas com que eles se deparam, quem os apoia, nomeadamente na comunidade envolvente. Conclui-se, auscultando a perspetiva dos mesmos sobre o papel que as bandas desempenham na conservação/criação da identidade local. Complementarmente, foi ainda efetuado um contacto com as direções destas bandas, realizando entrevistas semiestruturadas aos seus dirigentes/responsáveis, através das quais se percecionou melhor o funcionamento e os objetivos futuros para as mesmas. Em simultâneo, foi concretizada uma ampla pesquisa bibliográfica, socorrendo-nos não só de artigos científicos, como de numerosas notícias, artigos de opinião e outras publicações, para assim se construir um enquadramento teórico e histórico que retrate a realidade destas associações. Também se recorreu à experiência pessoal de um dos autores, músico em ambas as bandas, nomeadamente na Banda de Santa Marinha do Zêzere, onde ingressou em 2003 e permaneceu

¹ Informação adaptada do site da Confederação Musical Portuguesa (<https://sites.google.com/site/confederacaomusicalportuguesa/inicio/acmp>) [Acesso em 20 de outubro de 2017]

até 2014, e na Banda Marcial de Ancede, a partir de 2015. Assim se conseguiu perceber de uma forma mais direta como é o dia a dia de uma Banda Filarmónica, neste caso das baionenses.

O desiderato final deste breve trabalho é efetivamente perceber a realidade social e histórica destas associações e as perspetivas para o futuro das Bandas Filarmónicas do Município de Baião, demonstrando a importância que as mesmas possuem nas localidades onde se inserem, correspondendo a elementos chave na preservação da identidade coletiva local.

3. As Filarmónicas: algumas notas de enquadramento

Embora o seu historial recue bastante no tempo, foi nos meados do século XIX, sobretudo no pós-revolução liberal, que existiu uma proliferação das filarmónicas civis, se bem que muitas destas bandas tenham tido, inesperadamente, uma base social *“ligada sobretudo às novas elites locais do Liberalismo mais do que a um fenómeno de associativismo popular”* (Castro, 2017). Com o século XX e com a jovem República, mudou-se substancialmente esta realidade, deixando as bandas de serem *“um símbolo de distinção social local e [para ganharem] agora uma aura de «provincianismo»”* (Castro, 2017). Nestas circunstâncias, os reportórios alteraram-se e assumiram um papel mais “popular”. Nesta época as bandas atuavam sobretudo em *“procissões, em atos fúnebres, em festas civis, em saraus, em bazares, em lugares de convívio e recreio, nos passeios públicos, em manifestações públicas, em receções de figuras ilustres, em festas desportivas, em excursões”* (Castro, 2017). Aliás, em muitos locais estas associações eram a única forma de animação habitual e, por isso, eram o pilar central das localidades, em termos culturais e de sociabilidade. Desempenhavam, também, e ainda desempenham, um importante papel na animação das festividades locais (Lopes, 2012). De facto, ainda hoje o imaginário ligado às filarmónicas está associado às festividades religiosas, ao coreto (fig. 1) e às procissões.



Figura 1: Coretos das Vilas de Ancede e Santa Marinha do Zêzere, respetivamente. Fonte: Google Street.

Já durante o Estado Novo as bandas não tiveram vida fácil, pois o regime repudiava todo o tipo de associativismo (Reis, 2010:5) e, por isso, foi necessário promover uma adaptação a esta realidade fortemente controlada pela máquina censória, nomeadamente durante a guerra colonial portuguesa, quando muitas bandas viram partir para as colónias grande parte dos seus

elementos, conduzindo a que este facto reduzisse “*também de forma substancial o número de Bandas em Portugal*” (Russo, 2007 citado por Costa, 2009:20).

Este cenário alterou-se no pós 25 de Abril de 1974, quando o movimento associativo teve um grande *boom* e, obviamente, também o número de filarmónicas aumentou. Mas, se até aqui as bandas eram quase exclusivamente compostas por homens, nos anos 80 esta prática alterou-se e as filarmónicas abriram-se à presença de mulheres, o que trouxe vantagens para a renovação dos elementos e transformou esta instituição musical num lugar “*salutar de convivência e divulgação artística*” (Mota, 2009 citado por Costa, 2009:23).

Com o fim do milénio e em forte contraste com as duas décadas anteriores, o movimento filarmónico sofre um revés, sobretudo no que diz respeito à atração de pessoas mais jovens pelo ingresso neste tipo de associações, já que, ao mesmo tempo, avançou o ensino artístico institucional, com o despontar de novas formações superiores ligadas à música. Esta alteração trará, contudo, maior qualidade às filarmónicas, que enviaram para “*formação especializada [...] alunos das suas escolas e [...] por receberem das Academias jovens músicos, sem qualquer ligação anterior às Bandas*” (Mota, 2009 citado por Costa, 2009:23). Apesar de, com frequência, a situação económica e financeira das bandas não permitir a evolução desejada, foi notório o posterior aumento da qualidade musical das mesmas e hoje grande parte dos diretores artísticos e alguns músicos possuem formação superior nesta área.

Também importante neste âmbito preliminar é a noção de Banda. Este termo é amplamente aceite como “*um grupo musical de instrumentos de sopro, aerofones (que em Portugal não utiliza normalmente a gaita-de-foles), de percussão de pele, membranofones, e percussão de madeira e de metal*” (Costa, 2009:18). Por sua vez, o conceito de Filarmónica advém do grego e exprime uma combinação de sons, mas, segundo alguns autores, o conceito está relacionado com grupos organizados da sociedade que produzem música de forma amadora. Na realidade, as filarmónicas são o “berço” de muitos músicos profissionais, pois “*Pelas Bandas Filarmónicas passaram, e ainda passam, alguns dos melhores músicos de sopro do país*” (Sardinha e Camacho, 2001:9, citado por Gomes, 2017:172). As Bandas Filarmónicas foram, pois, durante os últimos dois séculos, escolas importantes, no que diz respeito à música, aproximando muitos portugueses das artes, quase sempre de forma autónoma do Estado central (Pereira, 2014). Sobretudo nos meios rurais “*muitos músicos amadores das bandas filarmónicas[eram] analfabetos, sabendo contudo ler as partituras*” (Sousa, 2013:5).

3.1. A realidade Filarmónica de Baião

Em Baião existem atualmente duas bandas, que possuem cerca de 50 elementos cada. Na sua maioria, são constituídas por jovens, o que contrasta com um dos problemas que hoje afeta muitas filarmónicas, sobretudo as do interior. Estas filarmónicas são um espaço de encontro, convívio e produção de conhecimento musical, já que as filarmónicas em análise possuem hoje escola de música interna, devidamente organizada, com uma grande diversidade de instrumentos e respetivos executantes com elevada formação técnica e musical. No caso da

Filarmónica de Ancede, a sua escola funciona sob a dependência direta da Banda, e, no caso de Santa Marinha, a escola da Banda funciona sob orientação/gerência da Casa do Povo. É aqui que os pequenos pupilos aprendem as bases musicais, para poderem, finalmente, vestir a farda, o que representa um passo importante para o jovem músico e para a sua família.

No passado, o ensino era gratuito, mas hoje, e para responder às necessidades financeiras das bandas, é pedida a quantia de 15 ou 20 euros por mês, com os quais a banda fornece as bases teóricas do conhecimento musical, na disciplina designada por “Formação Musical”, para além da componente prática, o “Instrumento” escolhido e a “Classe Conjunto” (fig.2). Na “Formação Musical” o aluno tem a hipótese de aprender as bases musicais, mas também as especificidades dos instrumentos existentes na banda, o que lhe facilita a posterior escolha. As aulas são lecionadas por professores especializados. Por fim, a “Classe Conjunto”, a que se pode chamar “banda júnior”, constitui o momento em que os jovens músicos aprendem a enquadrar-se num todo e, desde logo, a criar espírito de equipa e de sociabilização. De referir que, à medida que vão progredindo, os alunos atingem patamares mais elevados e com maior exigência.

Todas as aulas anteriormente referidas, decorrem aos sábados à tarde e a sua organização/funcionamento é semelhante em ambas as bandas. Assim, estas instituições comprovam o seu importante papel na democratização do ensino da música, na ocupação dos jovens ao longo do ano e nos seus tempos livres, contrastando com o individualismo cada vez mais notório e visível na nossa sociedade.



Figura 2: Cartazes alusivos às Escolas de Música. Fonte: Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere e Banda Marcial de Ancede, respetivamente.

Por outro lado, as bandas são espaços vivos e em constante evolução (Cunha, 2003). Assim, estas associações organizam diversas atividades, distribuindo-se por todo o ano, se bem que mais concentradas na época do verão, com o despontar das tradicionais festividades religiosas. Não obstante, durante o resto do ano também são organizados eventos, como concertos de Natal ou Ano Novo, festivais de bandas na primavera, cantares tradicionais, como “as janeiras”, magustos no Outono, ou ainda concertos com cantores líricos, para além de elas convidarem maestros conceituados para a realização de estágios, entre muitas outras ações. Um dos objetivos é manter o grupo unido e um calendário de ações equilibrado, enquanto se preparam as mesmas com ensaios ao nível musical e de toda a logística.

Assim se cumpre outro dos objetivos da associação que é transmitir a música e a cultura musical ao mais diversificado público, enquanto se cria entre os seus elementos uma relação de grupo e uma identidade própria. Cada banda é distinta, e isso é extremamente valorizado, seja pelo seu repertório, seja pela postura, ou mesmo pela abordagem que fazem na realização das festas. Estas associações são, nas palavras de alguns músicos, autênticas “escolas da vida”, que ajudam a formar civicamente melhores homens e mulheres. Curioso é verificar que as bandas com alguma longevidade lidaram em tempos com populações sem escolaridade e que através das bandas conseguiram aceder ao conhecimento e à arte musical, o que constitui um elemento importante na democratização cultural (Carvalho, 2009). O país deverá reconhecer a estas associações musicais o grande contributo que deram para o ensino musical, principalmente nos meios rurais, onde outrora não existia outra forma de ensino (Lourosa, 2012).

Outro aspeto a realçar: as atividades realizadas pelas Bandas têm uma dupla importância, pois alguns dos eventos referidos servem também para angariar fundos para a sustentação da filarmónica. Efetivamente, é aqui que reside o problema mais comum do mundo filarmónico: a falta de verbas. Nestes dois casos, como em muitos outros, o principal financiamento provém da autarquia, através de um subsídio, como forma de pagamento de alguns serviços prestados. É importante referir que os dirigentes destas associações são voluntários e os músicos recebem um subsídio anual variável, de acordo com o número de festas efetuadas nesse mesmo período. Valor nitidamente insuficiente, já que não chega, muitas vezes, para as despesas de deslocação. Outra forma de financiamento é através das quotas que os sócios das bandas pagam. No caso da Banda de Santa Marinha, as quotas são entregues à Casa do Povo, à qual ela pertence.

O apoio estatal e o proveniente de Mecenas é quase nulo, visto que a importância das Bandas raramente é reconhecida, apesar de estas serem os fulcrais “*conservatórios do povo*” (Sardinha e Camacho, 2001:9 citado por Gomes, 2017:172). Além disso, nelas se iniciam muitos dos jovens músicos que integram as orquestras nacionais. Por outro lado, só é membro da banda filarmónica quem efetivamente gosta de música e do que nela se faz, pois não há qualquer objetivo lucrativo, razão pela qual as bandas são também um agregador social que reúne num mesmo espaço e com um mesmo objetivo, diferentes sensibilidades, pessoas com as mais variadas idades, profissões e formações, tendo como único propósito a educação e a expressão musical, a música.

Ao nível da formação é visível que nos últimos anos uma parte considerável dos jovens músicos frequenta academias oficiais de ensino, o que se traduz também no aumento significativo da qualidade musical das nossas bandas. Em Baião este aspeto não é exceção. Aliás, traduziu-se no lançamento, em 2013, dos CD`s das duas bandas, disponibilizados por um valor simbólico de 10€: está em causa sobretudo o significado, o incentivo que tal incute nos jovens. Esta preocupação com o ensino da música é de facto importantíssima, razão pela qual numerosos jovens frequentam, ou já frequentaram, academias como a ArTâmega (Marco de Canaveses), ou a Academia d'Artes de Cinfães, sucedendo-se os descontos na propina por serem membros das bandas.

É relevante ainda analisar os laços de parentesco existentes dentro das bandas de música, um tema já trabalhado por outros autores, que confirmam as conclusões da nossa investigação: grande parte dos músicos possuem “*outros elementos do núcleo familiar ligados às mesmas instituições*” (Mota, 2004:15). Na verdade, é possível encontrar famílias inteiras numa só banda, transitando este historial e interesse musical de geração para geração, incluindo tios, primos, pai, mãe, irmãos: todos eles se encontram na mesma banda (Pereira, 2014). A vertente da sustentabilidade e do fortalecer dos laços familiares patrocinada por uma banda filarmónica é, de facto, inquestionável.

3.2. As Filarmónicas de Baião

3.2.1. Banda Marcial de Ancede

Como foi referido, existem em Baião duas bandas Filarmónicas. Abordemos a primeira, a Banda Marcial de Ancede (Fig.4). Fundada no primeiro dia de março do ano de 1845, é uma associação cultural e recreativa desde 1980, reconhecida como instituição de utilidade pública. Localiza-se na União de Freguesias de Ancede e Ribadouro, no concelho de Baião.

Foi fundada pelo ilustre fidalgo Miguel Carlos de Sottomayor e Azeredo, um escritor católico, historiador e compositor², autor do livro “*A Realeza de D. Miguel*”³, sendo ainda o Senhor da Casa de Esmoriz (local de fundação da banda) e do Abelhal, em Ancede. Foi também administrador dos Vínculos de Outureça e da Laje, em Baião (Melo,1992) e, em 1858, o administrador do Concelho de Baião, o que pode ser confirmado na Fig.3.

Sendo escassa a informação escrita sobre a Banda Marcial de Ancede, aportamo-nos no periódico regional “*Flor do Zêzere*”. Através desta fonte, é notória a importância desta banda na época, já que a 5 de outubro de 1921, coube à Banda de Ancede a participação no cortejo de comemoração do 11º aniversário da Implantação da República Portuguesa. Concomitantemente, noutra crónica publicada no mesmo jornal sobre a Romaria da Nossa Senhora do Pé da Cruz, em Ancede, no ano 1928, descobre-se que foi “*muito concorrida a festividade que se realizou em*

² Para além de Pianista e Violinista.

³ Encontra-se o referido livro na Biblioteca da Universidade de Toronto: “*A Realeza de D.Miguel: Resposta a um Livro do Snr. Thomaz Ribeiro, Porto 1882*”. Recorde-se que o autor era um miguelista convicto: <https://search.library.utoronto.ca/details?2235501>.

Ancede...” tendo, no dia 20 de julho desse ano, durante a tarde, dignificado a festividade as Bandas de Ancede e de Tarouquela e “à noite, [houve] arraial, em que se fizeram ouvir nas melhores peças do seu reportório aquelas filarmónicas, queimando-se até de madrugada algum fogo de artifício. (” *Flor do Zêzere*”, 1928⁴). Depreende-se desta notícia a importância que a banda possuía, já que é muito raro encontrar alguma referência às filarmónicas de outras localidades no periódico consultado.

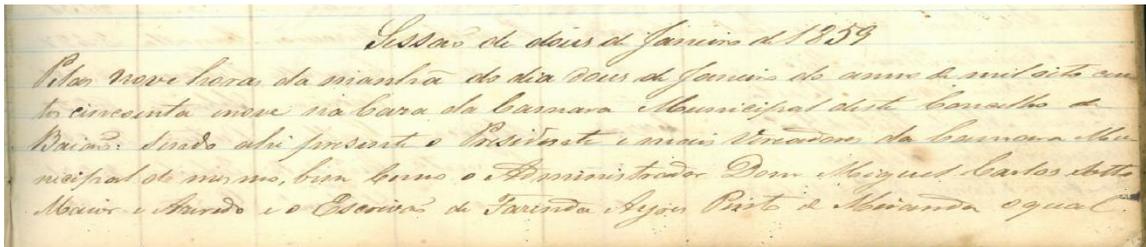


Figura 3: Cópia digitalizada das Atas das Reuniões da Câmara de 1858. Fonte: Câmara Municipal de Baião, 1858.

Muito mais tarde, já em 1982, é publicada, num jornal local designado “*Notícias de Baião*”, uma secção inteiramente sobre a Banda de Ancede, onde se entrevistou o secretário da direcção da associação, Carlos Garcia Rodrigues. Neste contexto, sabe-se que a banda estava então a tentar angariar sócios, sendo a quota mínima 250\$00. Obtém-se também a informação de que muitos dos sócios eram da cidade do Porto. O objetivo, na altura, era obter fundos para a construção da sede, pois “*a actual casa de ensaio (rés do chão de uma casa particular) é um remedeio onde nem sequer se podem conservar o[s] instrumentos.*” (“*Notícias de Baião*”, 1982, novembro). Informa-se, de igual modo, que os instrumentos da banda eram os mesmos que usavam para a aprendizagem, notando-se aqui as poucas verbas para aquisição de instrumental.

Quanto a outras ajudas financeiras, na década de 80 a banda usufruía de financiamento através do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), mas remata Carlos Garcia Rodrigues: “*estamos um tanto desgostosos com a Direcção Geral de Acção Cultural, já que nos enviaram uns escassos 20 contos que esperamos não ser o subsídio definitivo! (...) só daqui a 2 anos é que temos outro*” (“*Notícias de Baião*”, 1982, novembro). Tal prova a ligeireza com que a administração central sempre tratou estas associações. Aliás, no mesmo jornal, mas agora em 1983, noticia-se o 138º aniversário da Banda Marcial, a 8 de maio, além do programa da comemoração, que incluiu um novo fardamento com a contribuição de músicos e antigos músicos. Na edição subsequente é transmitido que a associação recebeu, das mãos do presidente da Câmara de então, a 1ª Medalha de Mérito do Concelho, como reconhecimento da sua importância no concelho.

⁴ É relevante referir que as edições deste jornal estão compiladas num único volume e sem numeração de páginas.

No presente as atividades desta associação são sobretudo de natureza artística, cultural, recreativa, social, mas também desportiva. Muito perto de fazer 175 anos, a Banda Marcial de Ancede garante hoje uma forte dinamização musical, seja a nível nacional ou internacional, com atuações em países como Espanha e Alemanha. Em Portugal participa em festivais de música por todo o país, desde o Alentejo até ao Norte, mas também organiza outros eventos e enobrece as festas populares da região. Neste contexto, pode destacar-se a participação na 5ª Edição do prestigiado Concurso de Bandas Ateneu Artístico Vilafranquense, em 2014. Coordenou Master Classes com professores como Iva Barbosa em clarinete (2006), Jorge Almeida em trompete (2007), Marco Pereira em flauta (2009) e Nuno Carvalho em euphonium e tuba (2013). Organizou também estágios para orquestra de sopros e percussão com maestros de renome internacional, como sucedeu em 2008 com o Maestro Paulo Martins, em 2014 com o Maestro André Granjo e, mais recentemente, em 2017, com o Maestro espanhol Jose Ignacio Petit. Estes eventos permitem alargar o conhecimento musical dos membros da banda e dar a conhecer à população novos artistas, o que contribui para o enriquecimento da cultura local, regional e nacional. Por último, refira-se que a Banda de Ancede teve o privilégio de ser a primeira a executar obras como “Bayam,” em 2008, de Jorge Campos, que retrata temas do folclore de Baião.

Segundo alguns relatos populares, a Banda esteve descontinuada durante cerca de dois anos, mas não existem registos factuais que o comprovem. Na atualidade “aproximadamente 90% dos seus elementos têm idades inferiores a 30 anos, desses 90%, 50% têm idades inferiores a 20 anos e o seu elemento mais novo tem 8 anos de idade”⁵. A Banda Marcial (fig. 4) é formada por 54 elementos⁶ e possui como atual Maestro o compositor Nuno Osório, Mestre pela Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do Porto (ESMAE), estando à frente da direção da Banda Marcial o presidente Nuno Pereira.



Figura 4: Banda Marcial de Ancede em arruada numa das suas atuações e tradicional foto de conjunto. Fonte: Banda Marcial de Ancede, 2017.

3.2.2. Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere

Tal como na abordagem da anterior banda, para descobirmos a história da Banda de Santa Marinha do Zêzere, tivemos de nos basear no jornal regional “*Flor do Zêzere*”, publicado entre os anos de 1920 e 1931. A primeira referência que se conhece da Banda de Santa Marinha

⁵ Informação fornecida pela direção da Banda Marcial de Ancede.

⁶ Distribuídos por vários instrumentos que se podem encontrar em anexo, na Tabela I.

(fig.5) surge no início do século passado, destacando-se a fundação em 1920 da então designada “Banda Zezerense”, como se escreve no quinzenário “Flor do Zêzere”, a 21 de outubro de 1920: “... fez a sua aparição em público, pela primeira vez, a «Banda Zêzerense», que se afirmou prometedora.” Mais tarde, já no número 3 do referido jornal, publicado a 18 de novembro de 1920, constata-se que a regência da banda estava a cargo do maestro A. João Ferreira Couto, percorrendo então “parte desta freguesia, nos dias 11-12 e 14 do corrente, a «Banda Zêzerense», a fim de angariar a quantia necessária para o seu instrumental. (“Flor do Zêzere”, 1920)

Outra informação interessante obtida na publicação de 2 de junho é a referência ao primeiro serviço da Banda fora do concelho de Baião, o que acabou por acontecer em 1921, mas com um outro maestro, o senhor Marinho, participando pela primeira vez, num “combate musical, com uma filarmónica de nome já criado. Os rapazes – porque são quasi todos novos- vão alegres; mostram no semblante confiança na vitória.”

São ainda numerosas as referências à participação da banda em festas “íntimas”, festas dos pobres⁷, despedidas de solteiro, ou em comunhões e em comemorações, como o 12^o aniversário da implantação da República, a 5 de outubro em 1922⁸. De acordo com a publicação de 18 de setembro de 1922, a banda participa na procissão da comunhão com “um hino adequado ao acto, obra do habil regente o nosso amigo Moisés A. De Sousa Pinto.” Existem ainda referências aos apoios concebidos à banda pelos habitantes de Santa Marinha do Zêzere, publicando-se no jornal os nomes dos benfeitores, o lugar onde residiam e a quantia, como se pode exemplificar com “os donativos recebidos para a «Banda Zêzerense»: Francisco da Costa Pinto, Penedo 20\$00...”. (“Flor do Zêzere”, 1922)

Em 1923, analisando programa de festas em Honra da Padroeira Santa Marinha, publicado na imprensa regional a 5 de julho, pode-se observar já a magnitude destas festas, sobretudo a nível filarmónico. Neste ano participaram três bandas, sendo duas de Resende, as Bandas de São Cipriano - “A Nova” e “A Velha”. A estas duas juntou-se a banda da terra. Refira-se que ambas as bandas de Resende chegaram à Ermida acompanhando cada uma a comissão de festas a dois lugares distintos da freguesia, Míguas e S.Pedro “de visita aos seus moradores e moradores dos logares mais visinhos”, rumando de seguida até à Igreja Matriz. Neste mesmo dia, pelas 22 horas, começou o arraial noturno, onde as três bandas abrilhantaram a festa: “Em elegantes coretos, AS TRES BANDAS DE MUSICA executarão, a primor as suas melhores composições, despizando-se renhidamente até ao romper do sol.”

Ainda neste ano o Jornal “Flor do Zêzere” abriu uma subscrição para angariar verbas para as obras do Coreto da Freguesia, sucedendo-se as referências a esta subscrição, ao valor angariado e a quem o doou, mas é curiosa a forma acesa como esta publicação se refere a estas obras tentando mobilizar a população. Apesar disso, a adesão foi pequena, razão pela

⁷O Objetivo destas festas era a angariação de donativos para ajudar os desfavorecidos da freguesia. Pode-se encontrar informação sobre esta atividade no Jornal “Flor do Zêzere” de 6 de janeiro de 1921.

⁸ Como já foi referido, o cortejo de comemoração de 5 de outubro de 1921 coube à Banda de Ancede.

qual a 11 de novembro, a Banda Zêzerense tocou no largo da feira e abriu uma subscrição para ajudar nas citadas obras do coreto.

Neste mesmo periódico também é publicada uma secção intitulada “*Pela nossa Música*” onde se tecem duras críticas pela falta de transparência com que a banda local estava a ser gerida: “*As cótas dos sócios entram para o saco; mas, jámais sê sabia para que saiam.*” (Flor do Zêzere, 1923), denunciando ainda o mau funcionamento da Banda, sugerindo possíveis futuros dirigentes. Nesta sequência, a 6 de dezembro de 1923, foi divulgado o relatório de contas alusivo ao período entre abril de 1920 e 15 de setembro de 1921. Assim se confirma o mês exato da fundação da Banda, abril de 1920. Outra informação refere-se ao ordenado dos maestros e à despesa em instrumental. Assim, a uma receita de 1.147\$50 resultante da subscrição para aquisição de instrumental, acrescentaram 361\$00, o que totalizou um total de 1.508\$50. Evidencia-se aqui um deficit de 908\$75, como se pode analisar na tabela II em anexo.

Por seu lado, a 20 de dezembro de 1923 foi publicado o Regulamento da Sociedade Musical «Banda Zêzerense», descobrindo-se que todas as semanas existiam dois ensaios (quintas e sábados) com duração aproximada de três horas no inverno e duas horas no período das festas (1 de maio a 30 de setembro). Além destes ensaios, o maestro podia convocar outros extraordinários, sendo penalizados os músicos caso faltassem aos ensaios e às festas sem justificação.

Quanto às obrigações do regente, este deveria esforçar-se para que a banda atingisse “*alto grau de perfeição*”, escolhendo as peças a executar, como ainda hoje acontece, controlando as faltas dos músicos, reportando-as à direção. Não o fazendo, o seu ordenado mensal sofreria penalizações. O maestro era ainda responsável pelas lições dos aprendizes e pelos gasómetros da “*casa do ensaio*”, pelos contratos das festas e pela contabilidade da banda. A direção da Banda tinha por obrigação a “*verdadeira fiscalização da Banda, procurando dar-lhe toda a sua proteção e auxilio moral e material*”, sendo constituída por 3 membros com reuniões mensais. Existiam ainda o tesoureiro e o cobrador.

Mais tarde, no dia 30 de abril de 1924, inaugurou-se o coreto da freguesia, perante uma “*assistência de avultado numero de pessoas*”, ficando-se a saber que o Coreto ficou sobre alçada de uma comissão designada “*Grupo de Defesa e de Propaganda de Santa Marinha do Zêzere*”⁹.

Como em outubro de 1924 “*A maior parte dos instrumentos, rôtos ou amolgados, ficariam melhor numa casa de ferros-velhos, do que num arraial de festa.*”, foram adquiridos sete novos instrumentos. Para tal, foram abertas duas subscrições no Brasil.

Já em maio de 1925, a “*Filarmónica Zezerense*”, sob a batuta do Maestro Manuel Ferreira, participou em algumas festas, nomeadamente em Gestaçô, na romaria de Santa Cruz, nas quais

⁹ Até agora pensava-se que esta era a última referência factual à Banda Zezerense, havendo a possibilidade de a Banda ter estado inativa, como é referido por alguns relatos antigos. No entanto as nossas pesquisas encontraram referências após esta data e até finais de 1930 é garantido que a Banda ou “*Filarmónica Zêzerense*” esteve ativa excetuando-se um pequeno período, de meses, no início de 1926. Estas referências são por exemplo notícias de festividades religiosas, programas de festas, publicações a pedido da direção da banda, etc. Assim qualquer interregno de maior duração só poderá ter acontecido depois de 1930.

“Nestes dias, bem como nos subsequentes, tocarão nos coretos as filarmónicas de Vila Boa de Quires e Zêzerense”.

A 10 de Janeiro de 1926 é publicado no *“Flor do Zêzere”* o seguinte: *“Historia pequena e triste, profundamente triste, para quem abriga no peito um verdadeiro amor por esta linda terra: a filarmónica Zêzerense...morreu!”*, todavia a 31 de janeiro escreve o periódico: *“Diz-se, por aí que a «Filarmónica Zêzerense» renascerá...”*, acrescentando que já existe um contrato com um novo maestro, em negociações a 11 de fevereiro ¹⁰. Já em maio, com o apoio de Manuel Pinto de Carvalho e Domingos Alves¹¹, a banda ressurgiu efetivamente, tendo como maestro Manuel Rodrigues de Oliveira e executando-se no dia 30 algum reportório que *“deixou excelentemente impressionado o numeroso público que assistiu ao concêrto.”* Tal repetiu-se nas Festas da Freguesia, pois a Filarmónica brilhou as festividades e o arraial noturno¹². Em 29 de agosto, realizou-se a Primeira Comunhão com a participação da banda.

No ano seguinte sob a mesma direção, a 26 de maio de 1927 renovou-se o fardamento: *“bem feito e vistoso”*. Entretanto, surge um novo regente, o Sr. Pontes, enquanto a Banda embelezou as Festas da Ascensão¹³ em Jogueiros, Régua. Por seu lado, nas festas da padroeira (16 e 18 de julho de 1927), ficou o arraial noturno do dia 16 a cargo da Banda Zêzerense e da Banda de Castro de Aire, enquanto nos três dias de festa: *“far-se há ouvir no coreto da Avenida a «Filarmonica Zêzerense»”*. Em 13 de outubro, a Comissão da Filarmónica Zêzerense informa através da imprensa regional que decidiu continuar à frente dos destinos da banda, acrescentando que, no caso de a banda finalizar a sua atividade, o instrumental seria vendido em dois ou três anos, de forma a liquidar despesas e o excedente seria entregue à junta, legítimo representante da banda. É, pois, perceptível que desde o início existem divergências no seio da filarmónica.

Dois anos depois, a 23 de Junho de 1929 a banda participou nas Festas ao Coração de Jesus e S. José (Comunhão das Crianças) na sua terra natal e no mês seguinte brilhou os *“Grandiosos Festejos”* em honra de St^a Marinha, entre os dias 18 e 21 de julho. Nestas festividades nos dias 18, 19 e 21 coube à *“Banda da casa”* brilhar as festas durante o dia, recebendo a colaboração no dia 20 de duas das mais afamadas bandas da região, não se sabendo quais.

Em agosto de 1930 a Banda Zezerense participou nas festividades e comunhão na freguesia vizinha de Viariz, sob regência do sr. Miguel Pereira. A 15 de Agosto coube mais uma vez a esta Banda realizar as festas de Nossa Senhora da Graça, na Freguesia de Gestação e a 25 de agosto é publicado no Jornal *“Flor do Zêzere”* o programa das festas de Nossa Senhora de Fátima na Freguesia de Tresouras, durante os dias 13 e 14 de setembro observando-se mais uma vez a participação da Banda Zezerense neste festejo. O interessante será atender que

¹⁰ Neste mesmo mês foi constituída a Tuna Musical Zezerense composta por 22 rapazes.

¹¹ Ambos residentes nesta freguesia nos lugares da Ermida e Dízimos, respetivamente.

¹² Flor do Zêzere, 31 de julho de 1926.

¹³ 26 de maio de 1927: Festa da Quinta-Feira da Ascensão, tradicionalmente celebrada numa quinta-feira, a décima-quarta da Páscoa.

neste programa prevê-se a participação no dia 13 da Orquestra da Freguesia de Tresouras, uma informação ignorada até hoje.¹⁴

Como grande parte do historial destas bandas se baseou no jornal “*Flor do Zêzere*”, encerrado em inícios de 1931, desconhece-se se factualmente a Banda de Santa Marinha voltou a ter um segundo interregno¹⁵. No entanto, no ano de 1937, foi fundada na freguesia a primeira Casa do Povo do distrito do Porto, designando-se “Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere” e mais tarde, em 1947, a “Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere”, denominação que se mantém, sem interregno até a atualidade (fig. 5).

No final do século XX, a Banda afirmou-se como uma das mais relevantes da região e foi requisitada para algumas das romarias mais importantes do Norte do país, sobretudo em Trás-os-Montes e Alto Douro. Todavia, foi nos anos 80 e 90 do século passado que se assistiu a uma onda de rejuvenescência, que prossegue. Hoje, a maioria dos músicos não possui mais de 30 anos e grande parte deles frequentou a escola de música da Casa do Povo.

Mas não é apenas o rejuvenescimento da banda que devemos realçar, já que também a sua imagem e divulgação evoluíram. Assim, em 2004, remodelou-se a imagem da Banda e fardamento, criando-se o atual símbolo próprio, e assim se reforçando a sua identidade. Dado o bom momento que a banda evidencia, aderiram novos membros, apoiados pelos familiares, mas também pela comunidade. Assim, multiplicaram-se as atuações da banda em atuações televisivas, festivais de música, romarias, procissões, eventos gastronómicos, etc.

Perante este fervilhar cultural, social e inclusivamente logístico, em 2013 a Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere gravou o primeiro CD intitulado “Eternos”, sob a direção artística do maestro Hermínio Fonseca, natural de Ancede e que rege a banda desde 2006.



Figura 5: “Philarmónica Zezerense” em data desconhecida e Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere. Fonte: Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere, 2017.

¹⁴ Sendo esta a última referência que encontramos.

¹⁵ Além do referido anteriormente, em 1926.

3.3. O Dia a Dia de uma Filarmónica

Após a análise do historial das filarmónicas de Baião, há que descrever o dia a dia de uma banda filarmónica, tendo como exemplo as de Baião. Assim, é consensual que, hoje em dia, já não existe a ideia preconcebida de que a banda filarmónica só toca marchas de rua e músicas populares. Aliás, as bandas foram-se adaptando aos novos tempos e hoje interpretam um pouco de todos os géneros musicais, desde música popular até alguns clássicos, passando por arranjos de bandas sonoras de filmes de renome, etc. Assim se vai ao encontro de novos gostos musicais e das tendências da sociedade, atraindo os mais jovens.

Por outro lado, na atualidade, nenhuma das bandas de Baião possui problemas no que diz respeito ao interesse e à adesão de jovens, pelo que o processo de regeneração está assegurado. Todavia, nem sempre foi assim, pois a juventude atual reflete a capacidade intelectual e social de se reinventar, de cativar estes grupos, apesar das dificuldades económicas existentes, pois são escassos os meios para adquirir novos instrumentos e fardas, pagar aos professores e manter o normal funcionamento das infraestruturas de apoio.

Do ponto de vista das estruturas, convém realçar que ambas as Bandas possuem boas instalações: a sede da Banda Marcial de Ancede, própria, foi inaugurada em 1991, e a Banda da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere está sediada na Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere, cujo edifício foi restaurado em 2009. Todavia, cada vez mais, as bandas filarmónicas são postas à prova e a exigência é maior, razão pela qual a Banda Marcial de Ancede aposta na diferença, privilegiando as tradições e os costumes locais e regionais. Tal estratégia traduziu-se, por exemplo, no concerto de Natal de 2017, quando se convidou quatro cantores líricos, que, acompanhados pela Banda, interpretaram peças como *Nessun Dorma* (Giacomo Puccini), *Missa Brevis* (Jacob de Haan), *Brindisi - La Traviata* (Verdi), numa conjugação de estilos de música distintos nunca antes experimentados em terras baionenses.

Mas especifiquemos um pouco mais as atividades, a orgânica de uma banda filarmónica ao longo de 365 dias. O ano começa para as Bandas com o “Cantar das Janeiras” que se prolonga por todo o mês de janeiro, numa dinâmica interessante, como se fosse um ritual. Aos fins de semana ambas as bandas se deslocam a casa dos seus conterrâneos, cantando e tocando músicas tradicionais destas quadras, afim de se angariar fundos e promover uma aproximação com a comunidade, confraternizando.

Já em fevereiro, com o Carnaval, as Bandas são convidadas a animar os desfiles carnavalescos que ocorrem no município, enquanto recomeçam os ensaios, normalmente aos sábados à noite, para preparar o reportório para as festividades estivais.

Com a chegada da Páscoa poderá haver ou não atuações, todavia em Ancede, a Banda ainda toca no recolher do compasso. Em Santa Marinha essa tradição foi interrompida pelo anterior pároco. Neste contexto, será relevante dizer que, ao longo da sua história, a posição da Igreja em relação a estas instituições foi mais tolerante em algumas épocas e menos noutras, mas sem descurar o papel das filarmónicas nas festividades religiosas (Russo, 2007).

Com a aproximação do Verão chegam também as festas, agora com maior regularidade. Em maio, a Banda Marcial de Ancede, em comemoração do seu aniversário, organiza um Festival de Bandas, convidando outros agrupamentos congéneres para, durante uma tarde, animarem a Vila de Ancede e divulgarem o seu trabalho. Por seu turno, em junho, é a vez de a Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere organizar o seu Festival, quando se festeja a fundação da Casa do Povo, estendendo-se pela noite dentro, o que proporciona aos presentes um belo concerto de verão.

Mas, efetivamente, é a partir de meados de maio, sobretudo aos domingos, que as bandas começam a ter uma agenda cheia, com as festividades religiosas típicas do período. Aliás, é neste período que se obtém grande parte dos proveitos destas instituições. Nestes dias, as Bandas iniciam a sua atuação durante a manhã com uma Marcha de Rua, tocando depois no palco ou no coreto até à hora da missa, onde participa com instrumental e coro. No fim da missa, é tocada uma marcha e faz-se uma pausa para almoço. Da parte da tarde, a atuação concentra-se sobretudo em palco, executando peças com um grau de dificuldade maior, mas também as rapsódias tão acarinhadas pelas pessoas. Ao fim da tarde a Banda acompanha a procissão, entoando marchas escritas propositadamente para esse desígnio, intituladas marchas graves ou de procissão. No fim do dia, poderá entoar algo mais, seguindo-se a despedida da banda.

O momento alto das filarmónicas em Baião é, porém, o concerto de Bandas, integrado no programa das Festas Concelhias em honra de São Bartolomeu, no dia 24 de agosto (fig.6). Nesse dia, ambas as bandas apresentam o seu trabalho e competem de uma forma positiva. *"Estes concertos com duas Bandas a tocarem alternadamente são uma tradição implantada principalmente no Norte do país"* (Cardoso, 2004). Apesar do caráter religioso da festa, o concerto noturno é de especial relevância, pois corresponde ao encerramento de uma semana de arraial, momento áureo para as famílias locais e dos concelhos vizinhos e municípios. Constitui o ponto alto da vida filarmónica baionense.

Em setembro o número de festas começa a diminuir e, nos inícios de outubro, é dada por encerrada a época. É aqui que se faz o pagamento pecuniário aos músicos, como recompensa pelo seu esforço¹⁶. Em Santa Marinha é tradição haver um jantar de final de época.

Com o início da nova época, em outubro, começam os ensaios, para além de em novembro as bandas organizarem magustos e outras atividades que têm como objetivo angariar fundos. Com a chegada de dezembro, em Ancede é organizado o Jantar de Natal, aberto à comunidade, para angariar fundos para a banda, apresentando ambas na véspera da quadra natalícia o seu trabalho, com os tradicionais concertos de Natal. Em Ancede este realiza-se no Mosteiro de Santo André e em Santa Marinha é na Igreja Matriz, imóveis classificados de interesse público. Assim se preservam tradições e se mantem uma relação peculiar de posse/proteção para com o património cultural, histórico, arquitetónico e religioso destas comunidades, contribuindo para a salvaguarda destes valores, sejam eles materiais ou imateriais.

¹⁶ Reitero uma vez mais que este pagamento não paga as despesas de deslocação e, por isso, deve ser entendido como um subsídio.



Figura 6: Concerto Noturno das Bandas Concelhias no encerramento das Festas de São Bartolomeu. Fonte: Município de Baião. 2017.

4. Análise dos Inquiridos

Tal como referimos anteriormente, era importante conhecer o perfil dos membros das bandas, as suas aspirações, os seus problemas e incentivos. Para tal, concretizamos inquiridos a membros de ambas as associações. Os resultados são muito interessantes. Com efeito, relativamente à idade dos inquiridos, nas duas bandas observa-se que a maior parte, cerca de 75 %, era constituída por jovens, sendo os restantes adultos. No que diz respeito às habilitações académicas, cerca de 56 % estudavam no ensino secundário, 38 % no ensino superior e, no ensino básico apenas 6 %. Relativamente à sua ocupação, cerca de 63 % eram estudantes, 31 % trabalhavam e 6 % eram desempregados.

Notou-se que grande parte dos inquiridos ingressou na banda entre os oito e os treze anos de idade, mas também com quinze anos, sobressaindo entre os principais motivos de ingresso o incentivo por parte dos pais e avós. Inegavelmente, foi fulcral a influência da família e dos amigos, mas adicionado sempre o facto de gostarem bastante de música. É, pois, indiscutível o gosto pela música e pela banda. Nestas circunstâncias, como os membros integram as bandas em tenra idade, vão crescendo na instituição e, por isso, é muito comum ouvir os músicos referirem a sua banda como uma “segunda família”.

Outra questão apelava à memória dos músicos, interrogando se eles recordavam a primeira festa enquanto músicos. E a maioria recorda-se, o que demonstra a importância para estes jovens: o primeiro dia com a farda! O que também se constatou é que, apesar de se lembrarem da primeira festa, nem todos recordam o local onde foi realizada.

Por fim, achamos que seria benéfico saber pelos músicos quais as atividades que são desenvolvidas na banda e qual a importância da banda na vida de cada um. Assim, quanto às atividades desenvolvidas, concluímos que são múltiplas, incluindo ações em prol do desenvolvimento pessoal, mas também festivais de bandas e outras atividades musicais anteriormente referidas. Porém, quando se comparam os resultados das duas bandas, há que realçar o maior número de eventos por parte da banda de Ancede, já que anexaram às festas religiosas, romarias, encontros entre bandas e estágios com prestigiados maestros. Contudo,

para todos estes jovens, o gosto pela música é inquestionável, bem como o papel que a banda tem nas suas vidas, no âmbito cultural, mas também social, já que é aqui que fazem amigos e ocupam grande parte do seu tempo.

Finalmente, havia que questionar a forma como a comunidade apoia as filarmónicas, o tipo de problemas com que se deparam hoje em dia as bandas e as possíveis soluções para atenuar estes problemas. Privilegiámos a opinião dos responsáveis das bandas e dos movimentos associativos que as sustentaram. Relativamente à primeira questão, concluímos que a comunidade pode auxiliar estas instituições através de donativos e sendo sócios, ou ainda através da cedência de espaços para atuações. Relativamente aos principais problemas com os quais as bandas se deparam, na opinião dos inquiridos, sobressaem a falta de músicos, sobretudo jovens (embora em menor escala do que no passado), mas também os problemas financeiros, a falta de interesse pela música na idade adulta, nomeadamente, quando ingressam no ensino superior ou na carreira profissional, e as poucas contratações para festas. Para solucionar estes problemas consideram os inquiridos que seria benéfica a redução do IVA¹⁷ na compra de instrumentos, ampliar a divulgação de ambas as bandas, bem como das festas realizadas, ou ainda os apoios oficiais e a promoção da música em termos turísticos. Estas estratégias não anulariam os problemas, mas atenuariam e revitalizariam estas instituições.

5. Conclusão

O papel das filarmónicas é incalculável, seja como defensoras da cultura musical, mas sobretudo na forma como relacionam no mesmo espaço distintas pessoas, de diferenciadas idades com um objetivo comum. São elas que divulgam o nome da sua terra pelas festividades nacionais, representando um território com particularidades únicas. Estas instituições são relevantes também como forma de inclusão dos mais jovens num projeto comunitário, em prol da sua terra. É fácil perceber o amor com que os músicos falam da sua banda, sendo sempre a “melhor do mundo”. Este sentimento de pertença irá traduzir-se no sentimento de unidade, mesmo em relação à comunidade que representam.

As filarmónicas são também autênticas famílias, unificando e aculturando os seus membros e, principalmente, os locais de onde são originárias. São espaços de sociabilização importantíssimos, sobremaneira nos meios rurais, onde se criam laços para a vida. As bandas preservam um património cultural, histórico e educativo magnífico, todavia a importância destas instituições contrasta com a falta de trabalhos científicos sobre o tema. As bandas merecem, porém, a maior atenção, pois democratizam a arte musical em Portugal.

O movimento filarmónico precisa de ser dignificado, reconhecido, valorizado e apoiado, não só pelos locais, mas também pelas entidades públicas regionais e nacionais. Aliás, é reconhecido legalmente o apoio a este tipo de instituições, através da lei 123/99, de 20 de agosto, regulamentada pelo DL 128/2001 que “*define as regras através da quais o Governo*

¹⁷ Este apoio já está previsto na legislação.

apoiará anualmente as bandas de música” (Lei 123/99 de 20 de agosto) e onde se refere as deduções de IVA na compra de instrumentos, fardamento e material consumível. O legítimo reconhecimento estatal do trabalho realizado pelas filarmónicas, concretizou-se em 2013 com a seguinte resolução do conselho de ministros :“*Predominantemente de raiz popular e profundamente embebidas nas comunidades [as filarmónicas], são ainda muitas vezes o recurso para a aprendizagem da música para muitos jovens portugueses, em especial nas zonas mais afastadas dos centros urbanos*” (Conselho de Ministros nº53/2013) e ainda “*Para além do seu papel na preservação, divulgação e formação musical, as filarmónicas podem também ser facilmente apercebidas como centros de socialização locais e inter-relacionais, constituindo um capital social valioso, com substancial impacte e influência na vida da comunidade, através da agregação de valores sociais e culturais de inclusão, e da construção de identidade e coesão territorial.*” (Conselho de Ministros nº53/2013). Assim se instituiu o dia 1 de setembro como o “Dia Nacional das Bandas Filarmónicas”, uma justa homenagem ao árduo trabalho destas instituições/associações, cuja importância no território e na sociedade é vital. E, se dúvidas houvesse, qual é a localidade que não possui um coreto? Não podemos ficar a ver a “banda passar”, pois só com o apoio de todas elas preservam a nossa cultura e identidade local, a tradição. Há muito trabalho a fazer.

6. Bibliografia

- Banda Musical da Casa do Povo de Santa Marinha do Zêzere*. (27 de maio de 2014). Obtido de Bandas Filarmónicas: <http://www.bandasfilarmonicas.com>
- Banda Marcial de Ancede – Associação Cultural e Recreativa*. (25 de Abril de 2016). Obtido de Bandas Filarmónicas: <http://www.bandasfilarmonicas.com>
- BORGES, J. D. (s.d.). *Flor do Zêzere*. Baião.
- Câmara Municipal de Baião. (1858). *Livro das Actas das Reuniões de 1858*.
- CARDOSO, M. P. (s.d.). *Notícias de Baião*. Baião.
- CARDOSO, L. (2004). *O lugar das Filarmónicas. Reflexões sobre as festas religiosas e a funcionalidade do repertório-Parte I*. Obtido de Bandas Filarmónicas: <http://www.bandasfilarmonicas.com>
- CARVALHO, D. D. (2009). *A História das Bandas*. Obtido de Meloteca: <https://www.meloteca.com/>
- CASTRO, J. (s.d.). *Para o conhecimento histórico das Bandas Filarmónicas*. Obtido de Região de Rio Maior: <http://www.regiaoderiomaior.pt>
- Confederação Musical Portuguesa*. (s.d.). Obtido de Confederação Musical Portuguesa: <https://sites.google.com/site/confederacaomusicalportuguesa/inicio/acmp>

- COSTA, M. (2009). *Metodologias de Ensino e Repertório nas Filarmónicas de Valpaços*.: Universidade de Aveiro, Aveiro
- CUNHA, P. (2003). *Filarmónicas ou Filarmonias*. Obtido de Bandas Filarmonicas: <http://www.bandasfilarmonicas.com>
- GOMES, A.C.D (2007). *O contributo das bandas filarmónicas para o desenvolvimento pessoal e comunitário: um estudo efetuado no Alto Tâmega, sub-região do norte de Portugal*. Universidade de Vigo, Vigo.
- Lei n.º 123/99 de 20 de agosto. Diário da República n.º 194/1999, Série I-A. Assembleia da República. Lisboa
- LOPES, A. (2012). *Filarmónica recreio dos artistas: processos de sociabilidade em contextos de exibição e performance*. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- LOUROSA, H. (2012). *À sombra de um passado por contar: Banda de Música de Santiago de Riba-Ul*. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- MELO, Á. (1992). *Azere dos de Mesão Frio - Seus Ramos e Ligações*. Livraria Civilização Editora, Barcelos.
- MILHEIRO, M. (s.d.). *“Escolas de Música, Escolas de Vida”*: Estudo de Caso na Música Nova de Ílhavo. Revista Portuguesa de Educação Artística, Ílhavo.
- MOREIRA, B. (2014). *Pontes sonoras—roteiro de Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Aveiro.
- MOTA, G. (2009). *Crescer nas Bandas Filarmónicas: um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Edições Afrontamento, Porto.
- PEREIRA, R. (2014). *A Importância Histórica, Educativa e Cultural das Bandas Filarmónicas em Portugal*. Universidade do Algarve, Faro.
- REIS, M. H. (2010). *Animação musical: formação de uma filarmónica*. Chaves, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 53/2013. Diário da República n.º 156/2013, Série I. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa
- RODRIGUES, J. M. (2006). *A proximidade das filarmónicas às crianças*. Obtido de Bandas Filarmónicas: <https://www.bandasfilarmonicas.com>
- RUSSO, S.B (2007). *As Bandas Filarmónicas Enquanto Património: um estudo de caso no concelho de Évora*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- SOUSA, P. (2013). *As Bandas de Música no distrito de Lisboa entre a Regeneração e a República (1850-1910): História, organologia, repertórios e práticas interpretativas*. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

TAVARES, C. (2011). *O associativismo E a participação cívica dos jovens em meio rural*. Universidade Católica Portuguesa, Viseu

ANEXOS

Tabela I – Distribuição dos músicos pelos instrumentos na Banda Marcial de Ancede

Instrumento Musical	Número	Instrumento Musical	Número
Flauta	6	Trompetes	4
Fagote	1	Trompas	2
Clarinetes	13	Trombones	4
Clarinete baixo	1	Bombardinos	3
Saxofone alto	5	Tubas	3
Tenor	4	Percussão	7
Barítono	1		
Total de Músicos		54	

Fonte: Banda Marcial de Ancede,2017

Tabela II: Despesas inscritas do relatório de contas (abril de 1920 a setembro de 1921)

Descrição	Despesa
Maestro Couto (abril – outubro de 1920)	81\$50
Maestro Couto (novembro a janeiro de 1921)	92\$00
Maestro Marinho (fevereiro -15 de setembro)	737\$00
Aquisição e reparação de Instrumental	1.431\$75
Talões destinado Cobrança	6\$90
Postais nomeação sócios e selos respetivos	22\$50
3 Gasómetros	7\$50
Carboneto para os ensaios	28\$40
Despesa a quando da subscrição	9\$70
Total de Despesa	2.417\$25

Fonte: Flor do Zêzere,1923